Os centros de comando das notícias e a rede urbana brasileira

André Pasti

andre@pasti.art.br

Resumo

Este artigo busca analisar desdobramentos da organização dos círculos de informações noticiosas para a atual configuração da rede urbana brasileira, identificando os pontos nevrálgicos dessa rede e discutindo suas funções no que se refere ao comando da informação no território brasileiro. Para isso, privilegia a análise das redes das agências transnacionais de notícias – agentes privilegiados do comando dos fluxos informacionais globais – e dos grupos de mídia controladores dos veículos de maior audiência no território brasileiro.

* * *

PALAVRAS CHAVE: rede urbana, informação, centros de gestão do território, agências transnacionais de notícias, mídia, território brasileiro.

Introdução

Com fluxos informacionais cada vez mais intensos no período atual, é necessário compreender a organização, no território usado, das redes informacionais e suas hierarquias, buscando compreender o comando da informação. A chamada revolução informacional (LOJKINE, 2002) acompanha uma série de transformações no território, implicando uma divisão territorial do trabalho informacional com uma reorganização da rede urbana.

As notícias, portadoras de sentidos, estão entre os fluxos informacionais mais presentes nos cotidianos dos lugares. Os meios de comunicação não apenas veiculam fatos, mas têm o poder de mediar os acontecimentos, podendo condicionar sua realização (NORA, 1976) – intermediando, assim, a concretização e as escalas dos eventos geográficos (PASTI, 2018). A ascensão de um conjunto de objetos técnicos que viabilizaram a fluidez global e instantânea da informação acompanhou uma centralização do comando dessas informações, a serviço de agentes hegemônicos (SANTOS, 2000, 2018). Entre os principais agentes responsáveis pela circulação de informações noticiosas estão as agências transnacionais de notícias. Essas agências, "atacadistas" globais de notícias, são organizações dedicadas

> à coleta e à distribuição de informações de interesse jornalístico para clientes, especialmente empresas de comunicação que as recebem, filtram, editam (modificam) e, pelos meios de comunicação em que operam, divulgam-nas ao público (leitores, espectadores, ouvintes, usuários) sob a forma de notícias. As agências não são um veículo de comunicação de massa, mas sim fornecedoras destes veículos para as informações que eles não conseguem obter de forma autônoma em virtude de custos operacionais e de fatores onerosos, principalmente a distância física (PASTI; AGUIAR, 2016, p. 2).

Qualquer análise sobre os fluxos globais de notícias, tanto nos países centrais quanto nos países periféricos, deve levar em conta essas agências (BOYD-BARRETT, 1980, p. 13) — embora o papel delas esteja, em geral, oculto para o público (BENAYAS, 2006, p. 15). É necessário considerar, ainda, as relações que elas estabelecem com os círculos de informações de maior alcance no território, comandados pelos grupos de mídia hegemônicos no país.

Entre as características principais da mídia na formação socioespacial brasileira despontam: (1) um mercado extremamente concentrado; (2) a predominância do setor privado e da lógica comercial; (3) a desregulamentação, do ponto de vista normativo; e, em relação às notícias, uma situação peculiar: o fato

de (4) as agências transnacionais de notícias prestarem serviços à mídia nacional também com conteúdo relativo ao próprio país (AGUIAR, 2010, p. 6), ao invés de apenas tratar de notícias internacionais[1]. Isso indica que os círculos de notícias do território brasileiro são mais dependentes das informações dessas agências. Além disso, conforme Boyd-Barrett e Rantanen (2010, p. 240), muitos clientes de mídia das agências nesse período reduziram sua produção própria de notícias internacionais e tornaram-se mais fortemente dependentes das agências transnacionais de notícias.

Os atuais círculos de informações noticiosas revelam determinados usos do território brasileiro e hierarquias dos lugares. Assim, para compreender as atuais dinâmicas da circulação de notícias e os sistemas de objetos e ações comandados pelas agências transnacionais, ganha notoriedade o contexto das transformações da rede urbana. Este artigo busca analisar desdobramentos da organização dos círculos de informações noticiosas para a atual configuração da rede urbana brasileira, identificando os pontos nevrálgicos dessa rede e discutindo suas funções no que se refere ao comando da informação no território brasileiro.

A rede urbana e o comando da informação

A rede urbana e sua hierarquia participam do ordenamento e comando do território (DINIZ, 2011, p. 9). A divisão territorial do trabalho é um fato da produção e das trocas que compõem a estrutura das modernas economias (MOREIRA, 2004). Conforme Santos (2006, p. 135), todos os dados da vida econômica e social são sujeitos à divisão territorial do trabalho. Essa divisão "cria uma hierarquia entre lugares e, segundo a sua distribuição espacial, redefine a capacidade de agir de pessoas, firmas e instituições". Cada divisão territorial do trabalho cria um tempo próprio (SANTOS, 2006, p. 136), gerando distintas temporalidades, que são as matrizes das espacialidades vividas nos lugares.

A rede urbana é simultaneamente um reflexo *da* e uma condição *para* a divisão territorial do trabalho (CORRÊA, 2006, p. 26). Reflexo na medida em que "verifica-se uma hierarquia urbana e uma especialização funcional caracterizadora, entre outros tipos, de cidades industriais, político-administrativas ou portuárias". Condição, pois devemos considerar a inércia dinâmica das formas herdadas (SANTOS, 2006, p. 140). Para Corrêa (2006, p. 27),

> a rede urbana é um reflexo [...] dos efeitos acumulados da prática de diferentes agentes sociais, sobretudo as grandes corporações

1 No Brasil, o chamado "serviço doméstico" — em português — das agências é prestado por apenas por Reuters e AFP. A AP possui uma parceria com a Agência Estado, que traduz e disponibiliza conteúdos da agência norte-americana a seus clientes nacionais.

> multifuncionais e multilocalizadas que, efetivamente, introduzem […] atividades que geram diferenciações entre os centros urbanos. Diferenciações que, por sua vez, condicionam novas ações.

Com a globalização, a rede urbana se transforma "tanto por intermédio de criações urbanas recentes […] como da refuncionalização dos centros preexistentes, imposta ou induzida pelas corporações globais" (CORRÊA, 1999, p. 44). De um ponto de vista geral, quanto à organização das corporações da informação, Moraes (2010, p. 194) afirma que:

> o padrão tecnoprodutivo apoia-se no mandamento de que as companhias devem gerir seus empreendimentos a partir de um centro estratégico incumbido de pensar e formular prioridades, diretrizes e planos de inovação, além de estabelecer parâmetros de rentabilidade para subsidiárias e filiais.

Desse modo, no período atual, algumas cidades comandam os fluxos informacionais, abrigando os principais agentes produtores ou redistribuidores dessa informação (SANTOS, 2008a, 2009; SILVA, 2001). Por conseguinte, configura-se uma complexa divisão territorial do trabalho informacional, a qual condiciona e se reflete na rede urbana (CORRÊA, 1989, p. 48). Os fluxos se dão segundo um modelo hierárquico, correspondente à potência dos centros-relé[2] (SANTOS, 2006, p. 134).

As redes informacionais são os vetores, por excelência, da integração territorial (DIAS, 1995, p. 103) — agora são os fluxos de informação que hierarquizam o espaço urbano (SANTOS, 2009, p. 38). Pred (1979, p. 13) ratifica que os principais fluxos entre as cidades seriam os de bens, serviços, capital e informação especializada.

Para a produção e a distribuição de notícias também conformam-se centros de comando no território nacional, o que implica em mudanças na rede urbana brasileira. Esses centros no território nacional são subordinados aos agentes verdadeiramente hegemônicos, localizados no norte global. Dessa forma, deve-se investigar quais são esses centros de comando no território nacional e qual a hierarquia das cidades nessa divisão do trabalho informacional.

Percebe-se, de início, que o comando é centralizado principalmente nas grandes metrópoles (DAVANZO et al, 2011, p. 98; DIAS, 1995, p. 141; SILVA, 2001). Gottmann (1961, p. 597–598, tradução própria) já vislumbrava e analisava que

> assim como as pequenas casas de contabilidade de antigamente

2 São centros intermediários na hierarquia urbana (ROCHEFORT, 1961).

> deram lugar a grandes bancos, bolsas de valores e companhias de seguro, também as trocas de notícias e o lançamento de rumores foi substituído por grandes jornais, corporações de publicação e transmissão de informações e companhias de publicidade.

Em seu estudo sobre a urbanização norte-americana e a megalópole da costa noroeste dos Estados Unidos, Gottmann (1961, p. 597) identificava uma grande concentração do mercado de produção de notícias e de comunicação no território metropolitano novaiorquino, entre a Times Square e a avenida Madison, que seria comparável à concentração de atividades financeiras nas proximidades de Wall Street e do Rockefeller Center.

Dentre as grandes metrópoles no território brasileiro, destacam-se para esse comando da informação aquelas classificadas por Corrêa (1996, p. 23) como principais *centros de gestão do território*. Para o autor, a gestão do território equivale a um "conjunto de ações que têm por objetivo, no plano imediato, a criação e o controle da organização do espaço". Três metrópoles configuram-se, para o autor, como os principais centros de gestão do território: São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

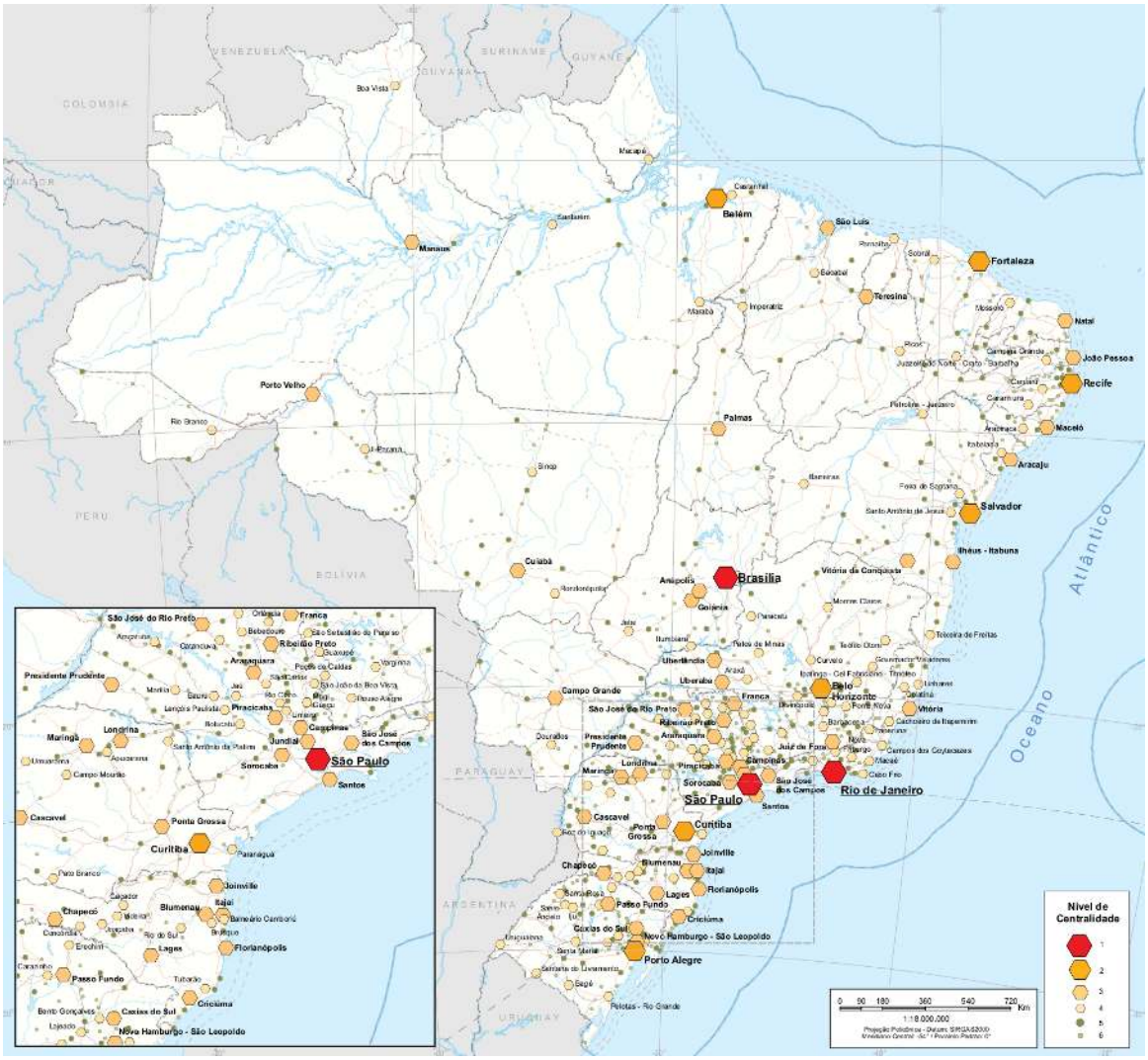
O estudo das Regiões de Influências das Cidades – REGIC[3] (IBGE, 2008) identifica, entre outras características da rede urbana nacional, os centros de gestão do território nacional. Para tanto, foram detectados 906 centros de 'gestão federal' e 724 de 'gestão empresarial'. Segundo o IBGE (2008, p. 138):

> para definir o conjunto dos centros de gestão do território, considerou-se que os centros no último nível somente seriam mantidos se integrassem as duas classificações, ou se, estando apenas em uma delas, destacavam-se em pelo menos dois dos eixos de análise de equipamentos e serviços.

Nesse estudo, três são os centros de primeiro nível: São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília (como pode ser observado na Figura 1).

3 Segundo Egler (2011), a edição de 2007 desse estudo traz avanços em relação aos levantamentos anteriores das regiões de influência das cidades, "principalmente no que diz respeito à consideração das estruturas urbanas formadas pela gestão pública [...] e pelas empresas".

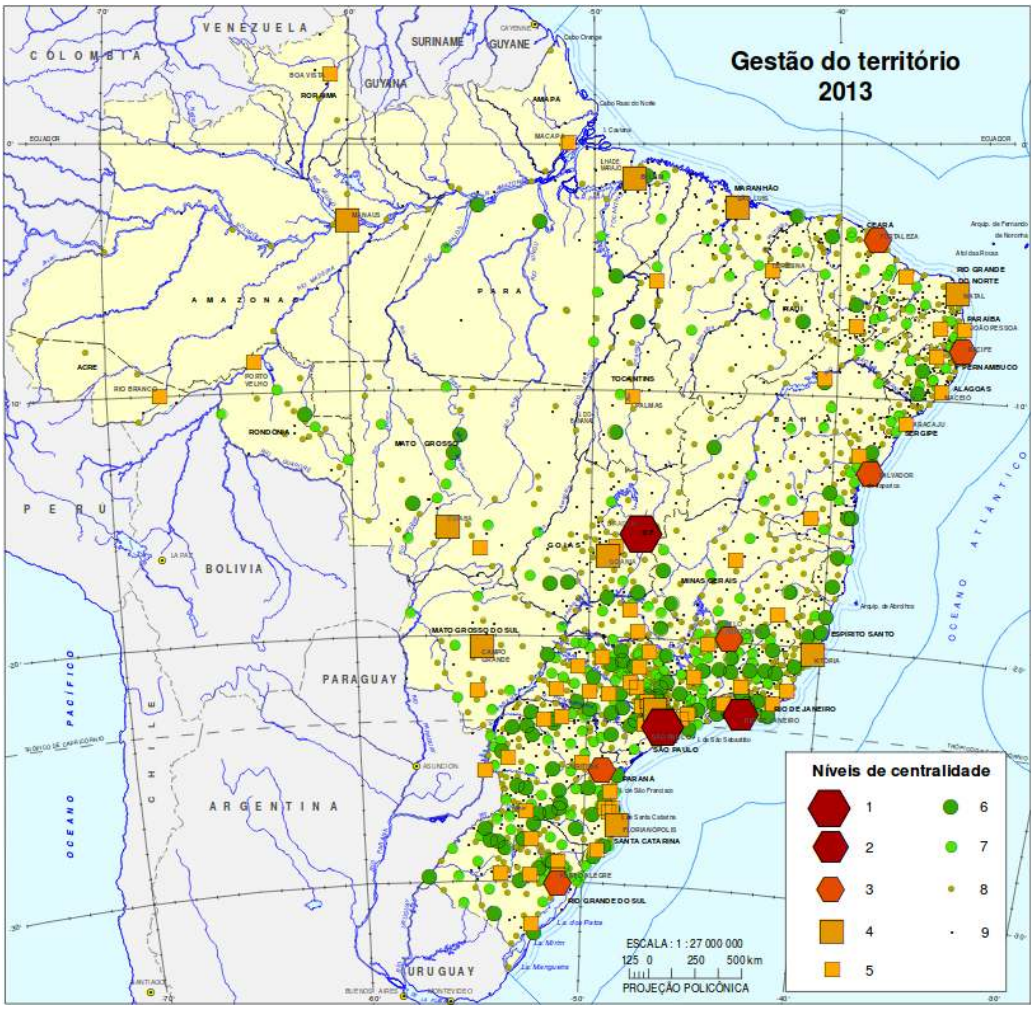
Figura 1. A centralidade da gestão do território – REGIC 2007



Fonte: IBGE (2008).

Em estudo de 2014, intitulado “Gestão do Território: Redes e fluxos do território” (IBGE, 2014), o IBGE considera, ao analisar a centralidade da gestão do território pública e privada, que São Paulo e Brasília dividem o topo da centralidade das redes de gestão no país, com São Paulo tendo um forte peso das relações das companhias atuantes no mercado, a capital abarcando as sedes das instituições públicas e o Rio de Janeiro constituindo, isoladamente, um segundo nível que combinaria os dois tipos de rede (IBGE, 2014, p. 106). O mapa de centralidade da gestão do território pode ser observado na Figura 2.

Figura 2. A centralidade da gestão do território – Gestão do Território 2013



Fonte: IBGE (2014).

Essas três metrópoles seguem configurando-se como os níveis hierárquicos de maior importância na rede urbana brasileira. Analisaremos, em seguida, essa centralidade no comando das redes das agências transnacionais de notícias e na topologia dos principais grupos de mídia em alcance territorial.

O comando das redes das agências transnacionais de notícias e os centros de gestão do território brasileiro

A presença das agências transnacionais de notícias reforça o papel dessas metrópoles na gestão do território a partir da informação. No caso das redes das agências transnacionais de notícias, seus escritórios de comando no Brasil concentram-se justamente nesses centros de gestão do território brasileiro: France Presse, Associated Press e Reuters têm seus escritórios em Rio de Janeiro, Brasília e São Paulo.

Para compreender melhor suas redes em território nacional, buscamos

dimensionar seus escritórios ("redações"), identificando suas principais funções e tamanho, em número de jornalistas. O resultado está representado no mapa abaixo (Figura 3).

Figura 3. Escritórios das agências AFP, AP e Reuters no território brasileiro – número de jornalistas (2013)



Elaboração própria. Fonte: AFP, AP e Reuters.

Analisando a Figura 3, observa-se que Brasília exerce funções subordinadas. O trabalho realizado nos escritórios dessa cidade consiste na elaboração de reportagens que concernem aos poderes instituídos do Estado e à política nacional — reiterando as funções da metrópole na rede urbana ligadas ao envio de ordens políticas do Estado brasileiro. Observa-se um papel central, no caso da Reuters e da Associated Press, para a cidade de São Paulo, reafirmando seu papel de principal metrópole informacional (SANTOS, 2009; SILVA, 2001) e principal centro de gestão do território brasileiro. No caso do Rio de Janeiro, há uma grande expressão no comando das redes das agências pela presença do principal escritório da France-Presse — cujas explicações para a permanência no Rio de Janeiro são de caráter histórico. Houve, também, um aumento temporário do número de jornalistas[4] em função da cobertura internacional dos megaeventos como a Copa do Mundo de 2014 e os Jogos Olímpicos de 2016.

Segundo Corrêa (1992, p. 35, 1999, p. 44), o poder político e econômico de que as grandes corporações dispõem lhes permite desempenhar um importante papel como agentes da gestão do território a partir de práticas espaciais por elas

4 Segundo informações de editores da Reuters e da AP, em entrevistas ao autor (PASTI, 2013).

engendradas. Podemos considerar que as redes das agências transnacionais de notícias, compondo os círculos dominantes de informação no território brasileiro, participam da gestão do território, por transmitirem informações que são, por vezes, ordens.

Há que se considerar que na divisão territorial do trabalho informacional das agências os nós brasileiros dessas redes são centros subordinados. Nos dizeres de Sassen (2006, p. 346) e Egler, Mendes, Furtado e Pereira (2011, p. 25), a dinâmica urbana de um país pode extrapolar as fronteiras nacionais, integrando-se em escala supranacional. Nos países subdesenvolvidos, "a rede urbana pode ser vista, em parte, como um conjunto de cidades no qual se verifica um papel de intermediação diferenciada de decisões geradas fora da rede urbana nacional" (CORRÊA, 2006, p. 27). Essa rede dos países periféricos constitui-se, em grande parte, "na extensão de uma ampla rede urbana com sede nos denominados países centrais".

Isso ocorre, igualmente, no caso da rede de cidades que abrigam as sedes e escritórios das agências transnacionais de notícias. Representamos essa dinâmica nas Figuras 4 e 5, que contemplam os centros verdadeiramente hegemônicos das agências e os escritórios em território nacional em 2007 e 2013. Segundo entrevistas com editores das agências, duas mudanças ocorreram nesse período mais recente: a conformação de uma sub-sede para a Associated Press na Cidade do México (México) e a mudança do centro de comando da Reuters de Londres para Nova Iorque (Estados Unidos)[5]:

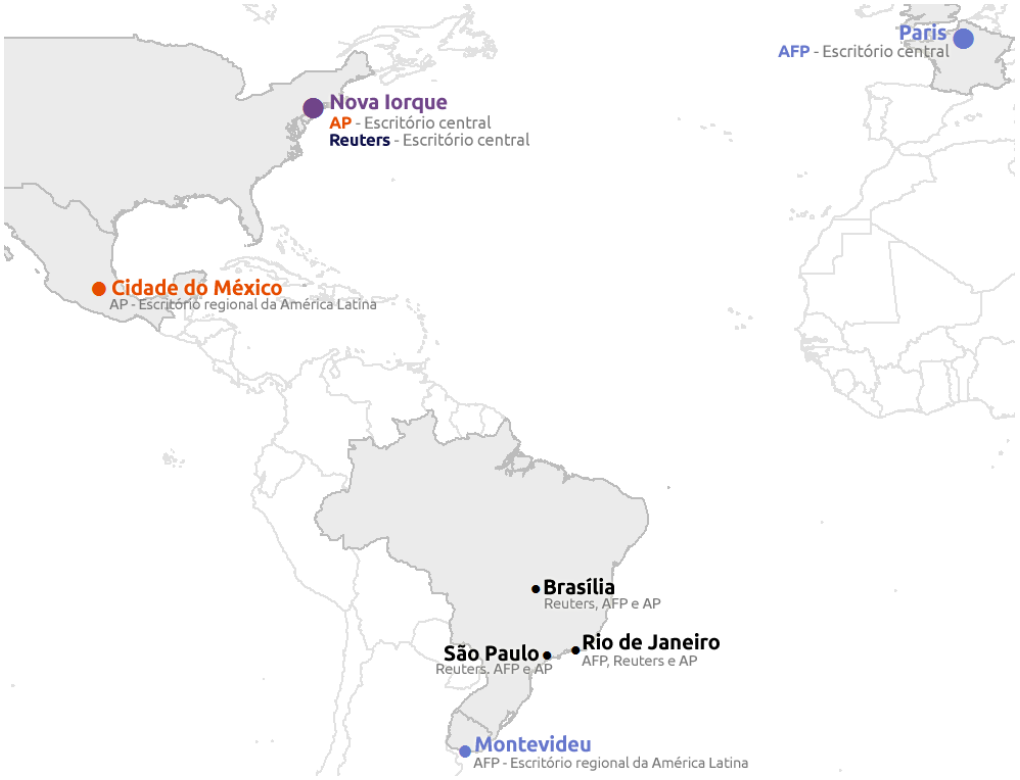
5 A fusão da Reuters com a Thomson trouxe reorganizações à rede da empresa. Apesar da afirmação, em entrevista, de que o centro de comando, estudos completos sobre agências de notícias como o de Aguiar (2017) apontam ainda o comando noticioso da rede da Reuters sendo exercido a partir de Londres.

Figura 4. Matrizes das agências transnacionais de notícias AFP, AP e Reuters e seus escritórios no território brasileiro (2007)



Elaboração própria, fontes: *websites* oficiais e entrevistas com jornalistas das agências.

Figura 5. Matrizes das agências transnacionais de notícias AFP, AP e Reuters e seus escritórios no território brasileiro (2013)



Elaboração própria, fontes: *websites* oficiais e entrevistas com jornalistas das agências.

Montevidéu (Uruguai) possui grande importância para a rede da AFP, comandando a região da América Latina, inclusive o Brasil. Essa organização hierárquica já foi diferente, como analisaram Nabarro e Silva (2012, p. 76):

> É interessante lembrar que o principal escritório na região já foi [...] o Rio de Janeiro, na época da Havas. [...] a escolha de Montevidéu como centro regional se deu por sua similitude linguística com o restante do continente e pela maior estabilidade econômica e política do país na época da descentralização.

Verificamos que essa estratégia não se repete para o caso da Reuters[6]. Em função do idioma, o Brasil não se insere na rede global da empresa sob a coordenação de outra sede latino-americana, não contando com uma mesa de edição para a Língua Portuguesa. No caso da Associated Press, foi criado um centro intermediário — entre os escritórios nacionais e a matriz nova-iorquina — na Cidade do México. Ainda assim, ao que parece, a atuação da empresa em território nacional é menos expressiva que das outras duas agências, por não haver serviço "doméstico" – em português.

Observa-se o papel central de Nova Iorque nessa rede de cidades, bem como de Paris e, agora em menor escala, Londres. Desses centros partem os comandos da informação, as decisões de maior grau na hierarquia urbana — para o caso das agências, as principais decisões editoriais e financeiras das empresas, que guiam e orientam os trabalhos ao redor do mundo. É indispensável lembrar que essas centralidades já são antigas, e foram construídas historicamente — Gottmann (1961, p. 602) já destacava o abrigo às agências transnacionais de notícias, sobretudo as norte-americanas Associated Press e United Press, à época, em Nova Iorque, compondo o destacado papel informacional da metrópole nova-iorquina.

O comando centralizado dos círculos dominantes de informação no território brasileiro

A comunicação na formação socioespacial brasileira carrega heranças de uma reorganização do setor a partir do período militar, quando as características marcantes que se estabeleceram foram: a afirmação econômico-financeira de grandes firmas, a presença do investimento público, a crescente complexidade do setor e o alcance, pelos efeitos da comunicação moderna, da escala do país (RIBEIRO, 1991, p. 45).

Para melhor compreender as dinâmicas de produção de circulação de informações noticiosas, é necessário considerar os círculos de cooperação (SANTOS, 2008b, p. 121) na produção de informações jornalísticas, que envolvem as

6 De acordo com entrevista com jornalista da Reuters (PASTI, 2013).

empresas consumidoras e redistribuidoras da informação das agências transnacionais de notícias. Cabe considerar, sobretudo, que "o 'público' de uma agência de notícias são outros meios [de comunicação] que, na verdade, são os clientes da agência e fornecedores de notícias ao mesmo tempo" (RANTANEN, 2002, p. 65, tradução própria).

Acreditamos ser possível alcançar os círculos de cooperação da produção de notícias, ainda que indiretamente, a partir da identificação dos *círculos de informações dominantes* em alcance territorial. Partimos, assim, de uma distinção entre o alcance potencial das redes, dado apenas pela possibilidade técnica, e o que estamos chamando de alcance territorial, correspondente a essa possibilidade técnica realizada no território, isto é, na circulação de fato existente no território e, nesse caso, no consumo efetivo das informações — contemplando a audiência. Esses círculos dominantes seriam, dessa forma, aqueles cujas redes atingem mais lugares e pessoas e cujas informações são mais consumidas.

Mapear os veículos de maior alcance efetivo no território é um dos objetivos de uma pesquisa internacional intitulada *Media Ownership Monitor*[7] ("MOM", ou Monitoramento da Propriedade da Mídia), que foi realizada recentemente no Brasil (INTERVOZES, 2017). A partir do cruzamento de dados de audiência, essa pesquisa identificou os 50 veículos ou redes de comunicação de maior alcance no território brasileiro em quatro tipos de mídia: televisão, rádio, mídia impressa e *online*; e quem controla esses meios – pessoas e grupos de mídia. Além disso, aferiu indicadores de riscos à pluralidade da mídia – os resultados apontam um grave cenário de concentração na mídia nacional (INTERVOZES, 2017), com riscos à democracia pela restrita pluralidade de vozes presentes no debate público – o que já foi citado anteriormente como um problema histórico do país.

Vários dos grupos de mídia controladores desses 50 veículos ou redes de maior alcance e audiência possuem propriedade cruzada de meios de comunicação de tipos distintos. É o caso, entre outros, do *Grupo Globo*, com 9 dos 50 veículos de maior alcance – O Globo, Valor Econômico, Extra, Época (Impressos), Rede Globo, Globo News (TV), Rádio Globo, CBN (Rádio) e Globo.com (*Online*); *Grupo Folha*, com 3 veículos entre os principais – UOL (*Online*), Folha de S. Paulo e Agora São Paulo (Impressos); *Grupo Bandeirantes*, com 5 redes – Band, BandNews (TV), BandFM, BandNewsFM e Rádio Bandeirantes (Rádio); *Grupo RBS,* controlador de 4 desses veículos – Zero Hora, Diário Gaúcho (Impressos), Rede Gaúcha SAT (Rádio) e ClicRBS (*Online*) – além de ser controladora de afiliada da Rede Globo[8]; e *Grupo*

7 A pesquisa global MOM está disponível em <http://mom-rsf.org> e a brasileira (MOM-Brasil) em <http://quemcontrolaamidia.org.br>.

8 Para o tema das afiliadas da Rede Globo, conferir Munhóz (2008).

Record que controla 4 veículos – e, junto da Igreja Universal, também do mesmo controlador, mais um: a Rede Aleluia (Rádio). Os quatro principais grupos concentram mais da metade da audiência da mídia nacional (INTERVOZES, 2017). Essas empresas compõem os círculos dominantes de informações no território brasileiro e todas são consumidoras intensivas de informações das agências transnacionais de notícias — o que demonstra, mais uma vez, a importância de tais agentes para a circulação de notícias no território brasileiro.

Analisando a rede dos grupos de mídia controladores dos 50 meios de maior alcance, há uma nítida concentração das matrizes ou centros de comando desses grupos, como indica a Figura 6.

Figura 6. Matrizes dos grupos de mídia de maior alcance no território brasileiro, segundo o *Media Ownership Monitor – Brazil* (2017)



Elaboração própria. Fonte: Intervozes (2017).

A pesquisa verificou uma concentração geográfica intensa das matrizes dos grupos de comunicação: "19 dos 26 grupos analisados (73%) têm suas sedes na Região Metropolitana de São Paulo, a grande maioria na cidade de São Paulo. Esses grupos são os proprietários dos 50 veículos que compõem o universo de análise do MOM-Brasil" (INTERVOZES, 2017, s/p). Além disso, "ao analisarmos as matrizes dos 50 maiores veículos ou redes, o dado é próximo: são 62% na cidade de São Paulo, 12% no Rio de Janeiro e 6% em Belo Horizonte. A chamada "Região

Concentrada" (correspondente ao Sul e Sudeste, na divisão regional do IBGE) concentra 80% dos escritórios de comando dos grupos de mídia dos 50 maiores veículos de mídia nacionais" (INTERVOZES, 2017, s/p).

Ainda segundo o relatório da pesquisa, Brasília abriga três dos 26 grupos, mas o segundo lugar na hierarquia de comando da mídia brasileira seria ocupado pela cidade do Rio de Janeiro, sede do maior grupo: o Grupo Globo. Os dados apontam, portanto, para uma convergência entre a dinâmica observada na topologia das redes das agências de notícias, a primazia de São Paulo e o papel relevante do Rio de Janeiro e de Brasília no comando da informação noticiosa no território brasileiro.

A primazia de São Paulo

O abrigo às agências transnacionais de notícias e às matrizes dos grupos de mídia de maior alcance reforça o papel da metrópole paulistana na rede urbana nacional. Ela se situa no comando — subordinado a outros centros globais, já citados — das ações hegemônicas do período atual no território brasileiro, principalmente em função de sua primazia no controle da informação. A partir sobretudo desse comando das redes informacionais e financeiras, São Paulo desponta atualmente como *metrópole onipresente* no território brasileiro (SANTOS, 2008a, p. 103), já que as ordens que partem de São Paulo reorganizam todo o território nacional. Como afirma Silva (2001, p. 100-101), "este novo meio geográfico paulistano é, mesmo, o mais complexo do país e, por isso, é a partir de São Paulo que se criam as condições de reorganização do território nacional".

São Paulo tornou-se essa metrópole informacional ubíqua no território brasileiro graças aos novos nexos geradores de fluxos de informação (SANTOS, 2009, p. 38) — sem que deixasse de ser uma metrópole industrial. Para compreender essa dinâmica de transformação de São Paulo, podemos recorrer às ideias de centralização e concentração. Segundo Lencioni (2008, p. 11), esses são conceitos fundamentais, pois permitem relacionar a dinâmica do capital à dinâmica dos lugares. Para esta autora, a centralização "constitui-se num processo em que frações individuais de capitais se associam, se fundem ou se reagrupam". A concentração, por outro lado, entende-se como "processo que faz expandir os meios de produção e de trabalhadores, ampliando, assim, a base da acumulação e confundindo-se com ela", podendo ser vista através da concentração territorial da riqueza. Além de concentrar a riqueza, São Paulo agora centraliza as atividades de comando a partir da informação — os centros de decisão das empresas, os escritórios nacionais das corporações transnacionais, as atividades do quaternário[9]

9 Porat (1977) agrupou as atividades informacionais contidas nos setores primário, secundário e,

(SILVA, 2001), o comando das finanças (NABARRO, 2013; PASTI; SILVA, 2010, 2013).

Está aí uma constatação importante: a possibilidade técnica de enviar informações de forma dissociada da circulação material acompanha uma centralização das funções de comando em grandes cidades, e não uma descentralização e perda de importância de centros financeiros e informacionais, como já apontado por diversos autores (HÄGERSTRAND, 1967, 2013; PRED, ALLAN, 1977; TÖRNQVIST, 1968, entre outros).

Além da importância do contato face-a-face e das "redes de contato" para a realização de negócios, Wójcik (2007, p. 202) explica que isso se dá em função do compartilhamento de infraestrutura de telecomunicações e pela presença de serviços avançados, em especial relacionados ao setor quaternário. Para esse autor, o valor dos centros financeiros hoje reside sobretudo na produção e circulação de informações (WÓJCIK, 2007, p. 220). Da mesma maneira, Porteus (1999, p. 105–108) afirma que, historicamente, esses serviços financeiros se concentraram onde houve demanda a partir da economia produtiva, mas o que define a localização desses centros de comando das finanças recentemente são os fluxos de informação e as atividades do quaternário.

As possibilidades do meio técnico-científico informacional (SANTOS, 2008b), a presença dos objetos técnicos mais modernos e de outras empresas do quaternário são fatores centrais para o agravamento da centralização dessas funções na metrópole paulistana. Essa dinâmica pode ser observada, também, na mudança do escritório da Reuters do centro histórico de São Paulo para a região da Avenida Engenheiro Luiz Carlos Berrini, em busca de um edifício com infraestrutura tecnológica que garantisse fluidez global da informação com mais eficiência[10].

Embora não seja o objetivo deste trabalho analisar as dinâmicas intraurbanas da metrópole paulistana, cabe ressaltar, também, que não se deseja realizar leituras "funcionalistas" do espaço, mas considerá-lo em sua totalidade, como espaço banal (SANTOS, 1996, 2006; SANTOS *et al*, 2000). Desse modo, é importante ponderar que, para além de interpretações ou discursos que dão a essas metrópoles o *status* de cidades mundiais ou globais[11] (FRIEDMANN, 1986; FRIEDMANN; WOLFF, 1982;

sobretudo, terciário da economia em um novo setor, o quaternário.

10 A dinâmica do mercado imobiliário para empresas, as centralidades urbanas de São Paulo em disputa e a 'criação' de uma nova centralidade no quadrante sudoeste da cidade são objetos de análise de Cordeiro (1987), Silva (2001), Fix (2001, 2007), Frúgoli Jr. (2006), Silva e Castillo (2007), Sombini e Silva (2011) e Almeida (2012), entre outros. Em 2013, a agência localizava-se no Edifício Birmann 20, na Av. das Nações Unidas.

11 Críticas a esse discurso e projeto de 'cidade global' para São Paulo podem ser encontradas em diversas obras, como Silva (1997, 2001) e Ferreira (2007).

SASSEN, 1998, entre outros), os usos corporativos e racionais (para os interesses econômicos hegemônicos) do território se confrontam e se misturam com "um conjunto heterogêneo de formas e usos, técnicas e normas não funcionais às ações hegemônicas, e que se podem converter em obstáculos, resistências" (SILVA; CASTILLO, 2007, p. 49). Assim, a metrópole não tende a homogeneizar-se a partir desse meio técnico-científico-informacional; ela é uma totalidade, simultaneamente local, nacional, global (SILVA, 2001, p. 175).

O comando da informação noticiosa acentua e afirma tendências na rede urbana brasileira, reiterando a primazia de São Paulo como metrópole informacional, acompanhada dos outros principais centros de gestão do território nacional: Brasília e Rio de Janeiro.

Referências bibliográficas

AGUIAR, Pedro. *Sistemas internacionais de informação Sul-Sul: do pool não-alinhado à comunicação em redes*. Dissertação (Mestrado) – UERJ, Rio de Janeiro, 2010.

AGUIAR, Pedro. *World Directory of News Agencies Offices and Correspondents 2017*. Rio de Janeiro: Editado pelo autor, 2017.

ALMEIDA, Marina. *As consultorias imobiliárias para empresas e os "Edifícios Inteligentes": uma análise para a cidade de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Unicamp, Campinas, 2012.

BENAYAS, Ignacio Muro. *Globalización de la información y agencias de noticias: entre el negocio y el interés general*. Barcelona: Paidós, 2006.

BOYD-BARRETT, Oliver. *The International News Agencies*. London: Constable, 1980.

BOYD-BARRETT, Oliver; RANTANEN, Tehri. News Agencies. In: ALBERTAZZI, Daniele; COBLEY, Paul (Orgs.). *The Media: an introduction*. Harlow (Essex): Pearson, 2010.

CORDEIRO, Helena Kohn. Os Principais Pontos de Controle da Economia Transacional no Espaço Brasileiro. *Boletim de Geografia Teorética*. n. 16–17, 1987.

CORRÊA, Roberto Lobato. Corporação, Práticas Espaciais e Gestão do Território. *Revista Brasileira de Geografia.* v. 54, n. 3, 1992.

CORRÊA, Roberto Lobato. *Estudos sobre a rede urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CORRÊA, Roberto Lobato. Globalização e reestruturação da rede urbana – uma nota sobre as pequenas cidades. *Território*. v. IV, n. 6 , 1999.

CORRÊA, Roberto Lobato. Os centros de gestão do território: uma nota. *Território.* v. I, n. 1 , 1996.

CORRÊA, Roberto Lobato. Os centros de gestão e seu estudo. *Revista Brasileira de Geografia*. v. 51, n. 4, p. 109–120, dez. 1989.

DAVANZO, Aurea Maria Queiroz *et al.* Metropolização e rede urbana. In: PEREIRA, R.; FURTADO, B. (Orgs.). *Dinâmica urbano-regional: rede urbana e suas interfaces*. Brasília: IPEA, 2011.

DIAS, Leila Christina. *Réseaux d'information et réseau urbain au Brésil*. Paris: L'Harmattan, 1995.

DINIZ, Clélio Campolina. Apresentação: Dinâmica urbano-regional, rede urbana e suas interfaces. In: PEREIRA, R.; FURTADO, B. (Orgs.). *Dinâmica urbano-regional: rede urbana e suas interfaces*. Brasília: IPEA, 2011.

EGLER, Claudio. A formação da rede de cidades na América do Sul. In: IX ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM GEOGRAFIA - ENANPEGE, 2011, Goiânia. *Anais...* Goiânia: Anpege, 2011.

EGLER, Claudio *et al.* Bases conceituais da rede urbana brasileira: análise dos estudos de referência. In: PEREIRA, R.; FURTADO, B. (Orgs.). *Dinâmica urbano-regional: rede urbana e suas interfaces*. Brasília: IPEA, 2011.

FERREIRA, João Sette Whitaker. *O mito da cidade global: o papel da ideologia na produção do espaço urbano*. Petrópolis (RJ): Vozes, 2007.

FIX, Mariana. *Parceiros da exclusão: duas histórias da construção de uma "nova cidade" em São Paulo:*

Faria Lima e Água Espraiada. São Paulo: Boitempo, 2001.

FIX, Mariana. *São Paulo cidade global: fundamentos financeiros de uma miragem*. São Paulo: Boitempo, 2007.

FRIEDMANN, John. The world city hypothesis. *Development and Change*. v. 17, n. 1, p. 69–83, jan. 1986.

FRIEDMANN, John; WOLFF, Goetz. World city formation: an agenda for research and action. *International Journal of Urban and Regional Research*. v. 6, n. 3, p. 309–344, 1982.

FRÚGOLI JR, Heitor. *Centralidade em São Paulo: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole*. São Paulo: Edusp, 2006.

GOTTMANN, Jean. *Megalopolis: the urbanizes northeastern seaboard of the United States*. Nova Iorque: The Twentieth Century Fund, 1961.

HÄGERSTRAND, Torsten. A propagação de ondas de inovação. *Boletim Campineiro de Geografia*. v. 3, n. 2 , 2013.

HÄGERSTRAND, Torsten. *Innovation diffusion as a spatial process*. Chicago: University of Chicago Press, 1967.

IBGE (Org.). *Gestão do território, 2014: redes e fluxos do território*. Rio de Janeiro: IBGE, 2014. 118 p.978-85-240-4315-4.

IBGE. *Regiões de influência das cidades*. Rio de Janeiro: IBGE, 2008.

INTERVOZES. *Monitoramento da Propriedade da Mídia no Brasil (Media Ownership Monitor)*. RSF; Intervozes. Disponível em: <quemcontrolaamidia.org.br>. 2017.

LENCIONI, Sandra. Concentração e centralização das atividades urbanas: uma perspectiva multiescalar. Reflexões a partir do caso de São Paulo. *Revista de geografía Norte Grande*. n. 39, maio 2008.

LOJKINE, Jean. *A revolução informacional*. São Paulo: Cortez, 2002.

MORAES, Dênis De. O capital da mídia na lógica da globalização. In: MORAES, Dênis De (Org.). *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

MOREIRA, Ruy. A nova divisão territorial do trabalho e as tendências de configuração do espaço brasileiro. In: LIMONAD, Ester; HAESBAERT, Rogério; MOREIRA, Ruy (Orgs.). *Brasil, século XXI — por uma nova regionalização? Agentes, processos e escalas*. São Paulo: Max Limonad, 2004.

MUNHÓZ, Eliane Regina. *A rede Globo de televisão no território brasileiro através do sistema de emissoras afiliadas*. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

NABARRO, Wagner. *A Bloomberg e os círculos de informação financeira no terrtório brasileiro*. Trabalho de Conclusão de Curso (Geografia) – Unicamp, Campinas, 2013.

NABARRO, Wagner; SILVA, Adriana Bernardes. Informação e território: a Agence France-Presse no Brasil. *Boletim Campineiro de Geografia.* v. 2, n. 1, p. 37–59, 3 abr. 2012.

NORA, Pierre. O retorno do fato. In: LE GOFF, J.; NORA, P. *História: novos problemas*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

PASTI, André. *Notícias, informação e território: as agências transnacionais de notícias e a circulação de informações no território brasileiro*. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Unicamp, Campinas, 2013.

PASTI, André. Notícias, psicosfera e violência da informação: as agências transnacionais de notícias e a alienação do território brasileiro. *Revista Sociedade & Natureza*. v. 30, n. 1, p. 80–109, 1 jul. 2018.

PASTI, André; AGUIAR, Pedro. Geografia das Agências de Notícias: apontamentos para uma análise espacial da circulação da informação. In: XXXIX CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2016, São Paulo. *Anais...* São Paulo: Intercom, 2016.

PASTI, André; SILVA, Adriana Bernardes. O mercado de capitais e os círculos de informações financeiras no território brasileiro. *Confins*. n. 19, 12 nov. 2013.

PASTI, André; SILVA, Adriana Bernardes. São Paulo e o projeto de centro financeiro latino-americano: contribuições ao debate. In: PPLA 2010: II SEMINÁRIO POLÍTICA E PLANEJAMENTO, 2010, Curitiba. *Anais...* Curitiba: Ambiens, 2010.

PORAT, Marc Uri. *The information economy: definition and measurement*. Washington: National Science Fondation, 1977.

PORTEUS, David. The development of financial centres: Location, Information externalities and path dependence. In: MARTIN, Ron (Org.). *Money and the space economy*. Chichester (UK): Wiley, 1999.

PRED, Alan. *Sistemas de cidades: economia adiantada, crescimento passado, processos*

presentes e opções de desenvolvimento futuro. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

PRED, Allan. The Choreography of Existence: Comments on Hägerstrand's Time-Geography and Its Usefulness. *Economic Geography*. v. 53, n. 2, p. 207–221, 1977.

RANTANEN, Tehri. *The Global and the National: media and communications in post-communist Russia*. Nova Iorque: Rowman & Littlefield, 2002.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. Matéria e espírito: o poder (des)organizador dos meios de comunicação. In: PIQUET, Rosélia; RIBEIRO, Ana Clara Torres. *Brasil, território da desigualdade: descaminhos da modernização*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Fundação Universitária José Bonifácio, 1991.

ROCHEFORT, Michel. Como a presença de uma grande cidade diversifica as aglomerações de uma região. *Revista Brasileira dos Municípios*. n. 53/54, 1961.

SANTOS, Milton. A Geografia - impasse e desafios no findar do século XX. *Boletim Campineiro de Geografia*. v. 8, n. 1 , 2018.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2006.

SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Edusp, 2008a.

SANTOS, Milton *et al.* O papel ativo da geografia: um manifesto. *Território.* v. 5, n. 9, p. 103–109, 2000.

SANTOS, Milton. *Por uma economia política da cidade: o caso de São Paulo*. São Paulo: Edusp, 2009.

SANTOS, Milton. Por uma geografia cidadã: por uma espitemologia da existência. *Boletim Gaúcho de Geografia.* v. 21, n. 1, 1996.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2000.

SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo: globalização e o meio técnico-científico informacional*. São Paulo: Edusp, 2008b.

SASSEN, Saskia. *As cidades na economia mundial*. São Paulo: Nobel, 1998.

SASSEN, Saskia. *Territory, authority, rights: from medieval to global assemblages*. Princeton: Princeton University Press, 2006.

SILVA, Adriana Bernardes. *A contemporaneidade de São Paulo: produção de informações e novo uso do território brasileiro*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – FFLCH/USP, São Paulo, 2001.

SILVA, Adriana Bernardes. Metrópole global: marketing ou realidade? Uma breve análise para a cidade de São Paulo. *GEOUSP Espaço e Tempo (Online)*. n. 2, p. 35–40, 19 dez. 1997.

SILVA, Adriana Bernardes; CASTILLO, Ricardo. Dinámicas metropolitanas en la era de la globalización: la promoción inmobiliaria para empresas en la ciudad de São Paulo, Brasil. *EURE*. v. XXXIII, n. 98, p. 45–56, 2007.

SOMBINI, Eduardo; SILVA, Adriana Bernardes. Modelos urbanos em transferência: a Aliança pelo Centro Histórico (São Paulo, Brasil) e a difusão internacional dos Business Improvement Districts. *In*: 2nd INTERNATIONAL CONFERENCE OF YOUNG URBAN RESEARCHERS. *Anais...* Lisboa, 2011.

TÖRNQVIST, Gunnar. Flows of Information and the Location of Economic Activities. *Geografiska Annaler, series B, Human Geography.* v. 50, n. 1, p. 99–107, 1968.

WÓJCIK, Dariusz. Geography and the Future of Stock Exchanges: Beetween Real and Virtual Space. *Growth and Change*. v. 38, n. 2, 2007.

* * *

Este artigo traz resultados de pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Unicamp, financiada com bolsa CAPES, sob orientação da Profª. Drª. Adriana Bernardes da Silva; e da pesquisa *Media Ownership Monitor*, financiada pela Repórteres Sem Fronteiras da Alemanha e realizada, no Brasil, pelo Intervozes – Coletivo Brasil de Comunicação Social, sob coordenação do autor.

Sobre o autor

André Pasti: Doutor em Geografia Humana (USP), Mestre e Licenciado em Geografia (UNICAMP), atualmente é professor do Cotuca/Unicamp.

* * *

ABSTRACT

Brazil's urban network and the command centers of news flows

This paper analyses consequences of the territorial organization of news agencies and media groups networks for the current configuration of Brazil's urban network. The aim is to identify the neuralgic spots of these information networks and to discuss its functions to the command of the information flows in the Brazilian territory. The paper focuses on the analysis of the networks of transnational news agencies and media groups controlling the highest ratings media outlets in Brazil.

KEYWORDS: urban network, information, territory management, transnational news agencies, media, Brazilian territory.

RESUMEN

Los centros de mando de las noticias y la red urbana de Brasil

Este artículo analiza las consecuencias de la organización de los círculos de informaciones noticiosas para la actual configuración de la red urbana brasileña, identificando los puntos neurálgicos de esa red y discutiendo sus funciones en el comando de la información en el territorio brasileño. Para ello, el análisis privilegia las redes de las agencias transnacionales de noticias y de los grupos de medios controladores de los vehículos de mayor audiencia en el territorio brasileño.

PALABRAS CLAVE: red urbana, información, centros de gestión del territorio, agencias transnacionales de noticias, medios de comunicación, territorio brasileño.

BCG: http://agbcampinas.com.br/bcg